

Boletim nº 021 de 1978
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
14 de março de 1978 - (TERÇA-FEIRA)
BOLETIM SEMANAL Nº 21

PARA CONHECIMENTO DA FEDERAÇÃO E DEVIDA EXECUÇÃO, PUBLICO O SEGUINTE:

1ª PARTE - **LEGISLAÇÃO E NORMAS** - (Sem Alteração)

2ª PARTE - **ENSINO** - (Sem Alteração)

3ª PARTE - **ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS E GERAIS**

A - ASSUNTOS DE PESSOAL

1 – PRESIDÊNCIA DA FEFIERJ

Assumi, ontem, dia 13 de março de 1978, às 20:30 horas, as funções de Presidente da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, em solenidade realizada no Salão Nobre do Fórum de Ciências e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 – VICE-PRESIDENTE ADMINISTRATIVO – CONFIRMAÇÃO

Portaria nº 079, de 14 de março de 1978 - O Presidente da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, usando da atribuição que lhe confere o art. 41, item 5, do Estatuto da FEFIERJ, RESOLVE confirmar WALDO CHAGAS NOGUEIRA no cargo de confiança de Vice-Presidente Administrativo

2 – VICE-PRESIDENTE DE DESENVOLVIMENTO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS – NOMEAÇÃO

Portaria nº 078, de 14 de março de 1978 - O Presidente da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, usando da atribuição que lhe confere o art. 41, item 5, do Estatuto da FEFIERJ, RESOLVE designar o Professor Titular JOSÉ MARIA BEZERRA PAIVA, para exercer, a partir de 14 de março de 1978, o cargo de confiança de Vice-Presidente de Desenvolvimento e Assuntos Comunitários, criado pela Resolução nº 113, de 09 de fevereiro do corrente ano.

3 – VICE-PRESIDENTE DE ENSINO – NOMEAÇÃO

Portaria nº 080, de 14 de março de 1978 - O Presidente da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, usando da atribuição que lhe confere o art. 41, item 5, do Estatuto da FEFIERJ, RESOLVE designar o Professor Titular MILTON ANTONIO AGUIAR para exercer, a partir de 14 de março de 1978, o cargo de confiança de Vice-Presidente de Ensino, vago em virtude da posse de Guilherme de Oliveira Figueiredo no mandato de Presidente da Federação.

B – ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

C – ASSUNTOS FINANCEIROS

D – ASSUNTOS GERAIS

4 – SOLENIDADE DA TRANSMISSÃO DO CARGO DE PRESIDENTE DA FEFIERJ – DISCURSO

Exmo. Sr. Professor Benemérito Alberto Soares de Meirelles; Exmo. Sr. Professor Benemérito Jayme Ribeiro da Graça; Exmo. Sr. Presidente B. de Paiva; Vice-Presidentes, Senhores Conselheiros, Senhores Decanos, Senhores Professores, Senhores Alunos, Minhas Senhoras e meus Senhores: Graças a Vossas Excelências, Senhores Professores, que me honraram com a inclusão de meu nome na lista sêxtupla a ser apresentada a Sua Excelência. o Senhor Ministro da Educação e submetida a Sua Excelência o Senhor Presidente da República, o humilde Professor Assistente de História do Teatro, com quase trinta anos de magistério e o mais antigo de sua escola, é chamado a presidir este arquipélago universitário, a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro. Assustadora distinção, que muito agradeço a quantos para ela contribuíram; e, na linha extensa das minhas homenagens ressalta, em primeiro plano, o professor a quem devemos a aproximação das ilhas estanques das unidades hoje federadas - desde uma centenária escola superior aos mais recentes cursos agora a nós irmanados. Ao Professor Alberto Soares de Meirelles cabem as primeiras galas desta solenidade e de todas que a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro promova - porque nos ofereceu, a cenáculos de ensino dispaes e distantes, a possibilidade de se aproximarem num diálogo universitário. E a Vossa Excelência, Senhor Professor José Maria Bezerra Paiva, cabe a glória de haver realizado uma tarefa de mestre e de diplomata, ao consolidar a Federação e conduzi-la ao caminho da Universidade. Felizmente, não o perdemos: na Escola Superior de Guerra agora, apenas trocou o Teatro pelo teatro de operações. Herança terrível e sedutora me foi confiada, pela eleição do Colegiado, pela acolhida do Senhor Ministro Ney Braga e pela escolha do Senhor Presidente da República Ernesto Geisel; e lhes confesso, senhores professores, ilustres autoridades e caros alunos: não cometerei aqui a banalidade de prometer que farei tudo para corresponder à confiança depositada; farei, sim, o que meu passado de professor, de estudioso, de escritor, de intelectual me permitirem para um presente e um futuro que não desmereçam meu passado; procurarei, ao fim de uma carreira que me esforcei por enobrecer, aceitar de todos e distribuir como possa o espírito de dignidade democrática onde busquei os simples

atributos que o voto de Vossas Excelências reconheceu. Se não me acode agora a modéstia é porque seria injuriosa aos que me elevaram a esta cátedra; e se me assoma a vaidade é a de, fazedor profissional de mentiras no palco, ombrear hoje com lidadores da verdade científica. Mas rogo que perdoem uma incursão que talvez me justifique perante uma audiência generosa: pertencemos à mesma curiosidade que, na ponta do bisturi, na lupa do microscópio, na folha do livro aberto, no mergulho aos subterrâneos do passado e aos porões da alma humana, exerce o único mister pelo qual a vida vale a pena ser vivida, aquele mister que um antepassado meu e nosso, Terêncio, resumiu no verso da comédia significativamente chamada Heautontimorouménos, o Carrasco de si mesmo: HOMO SUM; HUMANI NIL A ME ALIENUM PUTO. Nada que é humano nos pode ser alheio; e aqui é onde se encontram arte e ciência. Aqui nos encontramos nós, centenas de professores e seus auxiliares, e três mil aprendizes de feiticeiro. Sofremos da mesma sadia loucura, que oscila entre a dúvida e a certeza, a fantasia e a realidade, entre a fatalidade do nosso determinismo e a faculdade de escolhe-lo. que é o nosso livre arbítrio - a sadia loucura que, pelo uso da palavra e a comunicação do seu perigoso conteúdo, pode levar-nos à glória ou à força - e na mais das vezes a ambas. A tentação do reconhecimento, pela inteligência e pela sensibilidade, é o mais alto refinamento do espírito humano; e ela reside, mais que em qualquer outro templo, na casa universitária, casa de loucos, aspirantes a sábios, santos e artistas. É onde nos entendemos, médicos, nutrólogos e nutrologistas, bibliômanos, arqueólogos, museólogos, funâmbulos, músicos, enfermeiros, em busca de um caminho livre, onde as contradições, as perplexidades, a fome de justiça e a fome do saber busquem a vida melhor e a morte mais respeitada. É esta a universidade para a qual sonho contribuir, graças ao mandato que me conferem Vossas Excelências. Sonho, sim, mas a realidade é um sonho com força de vontade. Tal mandato, recebo-o com a convicção nada desanimadora de sermos pobres - pois este não deve ser o temor do homem universitário. Valerá lembrar que Sócrates, Platão, Aristóteles davam aula ao ar livre? Uma das mais pobres igrejas da Idade Média, a de Saint-Julien le Pauvre, era o centro universitário de Paris e do mundo; nas suas escadas de pedra sentaram-se para receber aulas os alunos Alberto o Grande, Santo Tomás de Aquino, Dante, Petrarca, Villon, Rabelais; ali foi a sede da Sorbonne, de cuja ciência os séculos se impregnaram; ali se reuniram as assembléias para a escolha do Rector Magnificus. No Brasil, a Universidade é um acontecimento recente, nosso primeiro Curso Superior tem pouco mais de cento e cinquenta anos; mas a universidade já ampliou o seu conceito, fugindo do bacharelismo representativo de um status social para procurar, como fazemos, um destino que seja a própria expressão do destino da nacionalidade, com uma ciência brasileira, uma arte brasileira, uma cultura brasileira. Tenho a convicção de que este país será realmente um grande país quando for um país de professores. Creiam-me Senhores: tratarei de cumprir o meu mandato, embora tenha chegado tarde, demasiado tarde para realizar minha ambição de ser útil. Mas justamente por ser tarde, buscarei na brevidade da vida que me resta, continuar elevando aos céus o pedido de um louco, o inspirador de Erasmo, outro louco, da Encomium Morias, O Elogio de Morus, de Tomas Morus, e da Loucura, cientista, poeta e santo, autor da UTOPIA e decapitado, oração que serve a todos nós: Dai-me uma boa digestão, Senhor, e também alguma coisa a digerir; Dai-me a saúde do corpo com o juízo de guardá-la ao máximo; Dai-me uma alma santa, Senhor, que tenha os olhos sobre a beleza e a pureza, a fim de não me apavorar ao ver o pecado, mas que diante dele saiba recobrar a virtude; Dai-me uma alma que ignore o tédio, o gemido e o suspiro. Não permitais que eu tenha demasiados cuidados com esta coisa incômoda que chamo o meu eu. Senhor, dai-me o senso de humor para que eu alcance alguma felicidade nesta vida e faça que os outros também a aproveitem. Amém.

4ª PARTE – **DISCIPLINA E JUSTIÇA** - (Sem Alteração)

5ª PARTE – **NOTICIÁRIO** – (Sem Alteração)